

# A ressignificação na web social

Princípios teórico-metodológicos<sup>8</sup>

*Nós que passamos apressados  
Pelas ruas da cidade  
Merecemos ler as letras  
E as palavras de Gentileza*

## INTRODUÇÃO

Situamos este trabalho na perspectiva apresentada no livro *L'Analyse du discours numérique: dictionnaire des formes et des pratiques* de Marie-Anne Paveau. Consideramos, por conseguinte, os discursos nativos da web como tecnodiscursos, produzidos no interior dos dispositivos técnicos (os programas de escritura e de publicação) nos quais a dimensão técnica é constitutiva do discurso, não se reduzindo apenas a um simples suporte. Os tecnodiscursos são, indissociavelmente languageiros e técnicos, duas faces que de tão imbricadas não permitem que a materialidade propriamente languageira seja extraída das funcionalidades técnicas dos espaços conectados, sem que, com isso, as análises sejam prejudicadas.

Os tecnodiscursos têm, por consequência, determinadas propriedades que os distinguem dos discursos pré-digitais ou não digitais e que devem ser descritas a partir dos universos discursivos digitais. Marie-Anne Paveau, no livro anteriormente citado, atribui seis características aos tecnodiscursos que definem o modo como o discurso é produzido nos dispositivos técnicos:<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Os autores agradecem a revista *Langage et Société*. Tradução: Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas.

<sup>9</sup> Para mais detalhes de cada uma dessas características, verifique as entradas correspondentes em Paveau (2017).

1. a composição: a matéria do discurso online é a combinação do linguageiro e do técnico, mas também do escrito, do som, da imagem fixa, animada ou composta, ainda, de modo sincrético;
2. a deslinearização: a hipertextualidade implica que os tecnodiscursos incluam as vias de acesso a outros discursos, numa espécie de labirinto discursivo;
3. a ampliação: as funções conversacionais da web e as ferramentas de escrita colaborativa simultânea desenvolvem os conteúdos tanto quanto os próprios enunciadores;
4. a relacionalidade: na web, todas as produções discursivas estão relacionadas entre si e com as máquinas, e só existem a partir da subjetividade do internauta;
5. a investigabilidade: os tecnodiscursos estão inscritos na memória da rede e podem ser pesquisados e redocumentados, seus metadados são internos, pois se inscrevem no código;
6. a imprevisibilidade: os enunciados digitais nativos são tratados tanto pelos algoritmos como pelos internautas de modo imprevisível para seus produtores.

Os enunciados que nos interessam neste livro, dos quais logo a seguir forneceremos três amostras, mobilizam particularmente a ampliação (a resignificação ampliando a enunciação primeira quando provoca uma retomada do discurso do outro), a relacionalidade (é porque os enunciados digitais nativos estão internamente conectados, que é fácil instituí-los) e a imprevisibilidade (a resignificação faz com que o enunciado ofensivo seja imprevisível ao tornar-se digital, uma vez que a trajetória discursiva pode ela mesma ser subvertida, como veremos).

Além disso, o tema do livro, a resignificação como processo contradiscursivo, isto é, de resposta a um discurso primeiro, fica mais evidente em ambiente digital. A partir das funcionalidades técnicas da máquina, os sujeitos encontram maior possibilidade de agir e dar visibilidade ao poder de resposta coletivo a determinado insulto. Computadores, tablets e celulares “atados” ao corpo são, afinal, partí-

cipes do processo discursivo, como *continuum* da própria existência contemporânea.

Esses enunciados estão ancorados na ciberviolência discursiva, amplamente documentada por entrevistas, relatórios e guias institucionais e trabalhada de diversas maneiras por diversos pesquisadores em ciências da linguagem e outras disciplinas. Um ponto em comum desses trabalhos é a perspectiva enunciativa (a produção da violência online e a análise dos enunciados produzidos), que geralmente não menciona as possibilidades de resposta propiciada pelos dispositivos da web.<sup>10</sup>

Os guias de proteção à ciberviolência destinados aos adolescentes não indicam, por exemplo, na lista de possíveis reações ao ciberassédio, a possibilidade de resposta qualificadora, reparadora e empoderadora. Essa ausência fica evidente no campo francês, como mostram, por exemplo, os trabalhos dos grupos de pesquisa sobre violência verbal,<sup>11</sup> que se debruçam sobre a publicação de enunciados violentos a partir do sujeito produtor e seus efeitos (os sentimentos dos alvos), mas sem integrar as respostas possíveis. O mesmo se dá em língua portuguesa quando observamos, por exemplo, o resumo feito por Fracchiolla, em que o autor explicita essa perspectiva de pesquisa, centrada nas intenções dos produtores:

Temos moldado, assim, a violência verbal em duas grandes categorias. O primeiro tipo de violência verbal seria intencional, isto é, deliberadamente desejada e procurada como tal pelo locutor enunciatador. O segundo tipo de violência verbal seria não intencional e nesse caso a violência verbal não aparece na mira enunciativa, mas é, no entanto, sentida pelo receptor destinatário.<sup>12</sup>

10 Para mais detalhes sobre essa questão, consulte a entrada *Ciberviolência discursiva* em Paveau (2017).

11 Moïse *et al.* (2008a, 2008b).

12 Fracchiolla (2018, p. 176). Todos os trechos citados são traduções livres.

Estamos, portanto, numa perspectiva tanto egocêntrica (a análise se desenvolve em torno das intenções e das produções do sujeito, ainda que o sentimento do receptor seja mencionado) quanto logocêntrica (a análise é feita sobre os enunciados portadores de violência verbal), mas as respostas, autorizadas pelas afordâncias<sup>13</sup> dos ambientes, participam igualmente do fenômeno da violência verbal: funcionando em (eco)sistema com os ataques, elas os (re)semantizam retrospectivamente. Acerca de sua dimensão digital nativa, Paveau propõe uma tipologia que compreende sete categorias,<sup>14</sup> entre as quais a resignificação/neutralização.<sup>15</sup> É como categoria de resposta à ciberviolência discursiva que gostaríamos de trabalhar aqui neste livro a noção de resignificação, e para tanto iniciamos apresentando três exemplos.

O primeiro ocorreu no final do terceiro debate das eleições presidenciais americanas de 2016, quando o então candidato do Partido Republicano, Donald Trump, classificou sua rival, Hillary Clinton, candidata pelo Partido Democrata, de “*nasty woman*”.<sup>16</sup> Alguns minutos depois foi disparada uma campanha no Twitter, representada pela hashtag #NastyWoman, que deu origem a milhares de tuítes transformando *nasty* (*malvada* em português), que na fala de Trump era pejorativa, em qualidade política.

O segundo exemplo que podemos citar para começar a reflexão aconteceu com Alexandria Ocasio-Cortez, eleita para o Congresso americano pelos democratas, que postou no Twitter um pequeno vídeo no qual ela está dançando na entrada de seu escritório. Esse vídeo foi produzido em resposta à difusão, feita por seus difamadores

13 De acordo com Paveau ([2019b] 2020, s/p), *affordance/afordância* “é o conjunto de possibilidades de uso oferecidas por um objeto; baseia-se na percepção humana, induz uma adaptação ao meio ambiente e postula uma forma de agência de objetos. A teoria das possibilidades supõe uma episteme não dualista e uma concepção não simbólica da informação”.

14 As sete categorias propostas por Paveau: 1. *Flame wars* (interação hostil entre usuários na internet por meio da troca de mensagens ofensivas), *shitstorm* (uma situação digital em que vários usuários discordam e argumentam entre si sobre determinado assunto) e *tweetclashes* (guerra de publicações no Twitter); 2. Silêncio, bloqueio, banimento; 3. A moderação, uma metadiscursividade; 4. Alertas, *outing* (confissão), publicação; 5. Resignificação e neutralização; 6. A inversão axiológica automática; 7. Rótulos e etiquetas (PAVEAU, 2017, p. 94-116).

15 Id. *ibid.*

16 O adjetivo *nasty* em inglês tem sentido disfórico, podendo ser traduzido para o português como desagradável, nojenta, sórdida, malvada, indecente, asquerosa, entre outros.

republicanos, de outro vídeo no qual ela aparece, na época em que era estudante, dançando a música Lisztomania, da banda Phoenix. A tentativa de difamação dos republicanos em relação aos democratas se transformou então em ganho de popularidade para estes últimos.

O terceiro exemplo é da estudante de geografia Eve, que publicou no seu Twitter as estatísticas feitas a partir de 182 insultos recebidos em consequência de sua crítica a um blogueiro influente sobre o tema do estupro. Computados, triados e dispostos em diagramas, eles se tornaram objetos sociológicos observáveis, no sentido etnometodológico do termo.

Esses são três notáveis exemplos do que podemos designar por ressignificação, isto é, a inversão ou a renegociação semântica e axiológica por recontextualização dos enunciados ofensivos (verbais, icônicos ou compósitos<sup>17</sup> – voltaremos a essa questão) a partir de sua carga ofensiva, efetuada pelos sujeitos agredidos com efeito reparador. Paveau trabalhou anteriormente para integrar essa noção, derivada do militantismo *queer* e dos estudos de gênero, na teoria do discurso.<sup>18</sup>

Neste capítulo, esse trabalho continua centrado no estudo do funcionamento da ressignificação na web 2.0, dita social, ou seja, que permite as interações entre os internautas por meio dos dispositivos tecnodiscursivos, como os comentários ou os compartilhamentos, que favorecem a circulação dos conteúdos. A web oferece, de fato, a possibilidade de numerosos usos relacionais a partir das disponibilidades e afordâncias que permitiram a emergência de práticas tecnodiscursivas, visando responder à ciberviolência discursiva, presente principalmente nas redes sociais digitais (RSD).

17 “Um elemento discursivo é compósito quando ele é formado de uma mistura entre linguageiro e técnico” (PAVEAU, 2017, p. 65).

18 Id. (2013a, 2017, [2019a] 2020).



Tuíte AOC.<sup>19</sup>

Depois de uma descrição das origens da noção e uma proposta de teorização na análise do discurso, apresentamos o quadro de trabalho, que adota a perspectiva da análise do discurso digital a partir de uma coletânea de exemplos contemporâneos em francês e em inglês. Apresentamos a seguir uma tipologia das práticas tecnodiscursivas de resignificação a partir de três categorias: a recontextualização enunciativa (o caso de *nasty woman*), a publicação analógica (caso do vídeo de Alexandria Ocasio-Cortez) e a produção de um dispositivo cultural (caso das estatísticas da geógrafa).

## 1. A RESSIGNIFICAÇÃO: DOS ESTUDOS DE GÊNERO À LINGUÍSTICA

No final do *Manifesto ciborgue* publicado em 1984, Haraway faz um apelo afirmando que a linguagem política deve se desfazer das “metáforas de renascimento” para vislumbrar mais o discurso da regeneração. Ela então recorre à imagem da salamandra:

19 Tradução do segmento verbal da imagem: “Ouvi dizer que o Partido Republicano (Grand Old Party – GOP) acha que mulheres dançando é escandaloso. Esperem até eles descobrirem que uma congressista também dança! Bom fim de semana a todos :)”.

Nas salamandras, a regeneração decorrente de um ferimento, por exemplo a perda de um membro, é acompanhada de um renascimento da estrutura e de uma restauração das funções com a possibilidade constante de produção, no lugar da antiga ferida, de cópias ou qualquer resultado topográfico estranho.<sup>20</sup>

Essa imagem é uma pré-descrição da ressignificação, tal como Butler conduzirá dez anos depois no livro *Le pouvoir des mots*, publicado em 1997 e traduzido para o francês em 2004. A noção aparece sobretudo na introdução, intitulada “De la vulnérabilité linguistique”,<sup>21</sup> e no último capítulo, “Censure implicite et puissance d’agir discursive”.<sup>22</sup> Esse conceito não é verdadeiramente definido, mas mencionado e reformulado várias vezes no conjunto de sinônimos que avançam, podendo ser interpretado como definição. Para Butler, trata-se de um processo dinâmico pelo qual o indivíduo se reapropria de um termo ofensivo, a partir de uma “ferida linguística” (formulada em termos de interpelação<sup>23</sup>), e o devolve contra a fonte enunciativa ofensiva, num ato de linguagem que produz um poder de ação linguístico (*linguistic agency*). Compreendemos que a ressignificação é um processo de quatro etapas: ferida linguística, reapropriação, inversão e produção da ação.

A ressignificação formulada dessa maneira é, por excelência, política, porque ela produz efeitos sobre os posicionamentos dos sujeitos, interpelando-os a agir. Para Butler, existe de fato uma “sobrevivência linguística” que permite ao sujeito agredido, como a salamandra, *fazer* algo com essas feridas, e é a perspectiva desse fazer que o permite se reapropriar (há também a questão da “contra-apropriação”, p. 39) de um enunciado ofensivo para inverter a significação. Ela fala também em “revés” (p. 39), “reencenação [*restaging*]” (p. 38), “inversão” (p. 39);

20 Haraway ([1984] 2007, p. 81). Para mais detalhes sobre o “argumento da salamandra”, consulte Paveau ([2017] 2020). A tradução em português desse texto foi publicada em Costa e Baronas (2020).

21 Sobre a vulnerabilidade linguística.

22 Censura implícita e poder de ação discursiva.

23 A dimensão interpelativa da ressignificação, advinda da leitura de Althusser, é abordada em detalhe em Paveau ([2019a] 2020), por isso não nos alongaremos sobre essa questão neste momento.

ela descreve esse processo como um “contradiscurso” ou uma “espécie de resposta” (p. 40), ou ainda uma “recontextualização” (p. 41), um “retrabalho” (p. 77, 244), uma “reimplementação” (p. 252). Geralmente Butler usa *reapropriação* e *ressignificação*, conferindo uma dimensão subversiva a esse ato discursivo:

O discurso subversivo se torna, assim, a resposta necessária à linguagem ofensiva, um risco que assumimos em resposta ao risco que nos fazem assumir, uma repetição na linguagem que impõe uma mudança.<sup>24</sup>

Dessa maneira, a resignificação é então apresentada como um processo tanto linguístico e discursivo quanto político: linguístico porque essa noção está fundamentada na concepção do sentido contextualizado e dependente dos ambientes do sujeito, e não inscrita num conjunto de características semânticas intrínsecas, em que, segundo a autora, “as palavras podem [...] ser descoladas do seu poder de ferir”;<sup>25</sup> discursivo porque é uma forma de reenuniação de um termo ofensivo que abre possibilidades de modo inédito; e enfim, político, no sentido de que o sujeito, em vez de deixar-se ser designado, incorpora a ofensa que lhe foi desferida e produz uma resposta discursiva e ideologicamente inovadora.

Butler, na filosofia, não descreve o funcionamento linguístico desse processo e não define verdadeiramente a resignificação como noção; aquilo que importa para ela é a dimensão performativa da reapropriação e da inversão dos termos insultantes. Para ela, a dimensão política é mais importante: a resignificação é uma mola propulsora de revolução e uma das formas particulares da “repetição subversiva”, espécie de noção macro que enquadra o conjunto de sua teoria, um fenômeno emblemático e referenciado como *drag*, amplamente mobilizado no livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*:

24 Butler ([1997] 2004, p. 252).

25 Id. *ibid.*, p. 41.

O heterossexismo e o falocentrismo são regimes de poder que procuram apagar sua dominação pela repetição e naturalização de sua lógica, de sua metafísica e de suas antologias. Isso não quer dizer que seria necessário parar a repetição enquanto tal – como se fosse possível. Se a repetição é condenada a se repetir como mecanismo de reprodução cultural das identidades, a questão decisiva é saber que tipo de *repetição subversiva* poderia recolocar a questão sobre a prática reguladora da identidade.<sup>26</sup>

Essa prática política, alternativa às práticas de oposição e de revolução situadas na cultura política *mainstream*/tradicional, é amplamente retomada na teoria *queer*, como em Bourcier, por exemplo, que fala em “lógica da resistência micropolítica que toma emprestado as estratégias de ressignificação, de desidentificação, de proliferação, de reapropriação”.<sup>27</sup>

Inseparavelmente linguística, discursiva e política, em Butler, a ressignificação possui igualmente uma dimensão metadiscursiva e metapolítica, pois ela é debatida entre os militantes e pesquisadores em *gender e queer studies*<sup>28</sup> nos Estados Unidos: Bersani é, por exemplo, crítico em relação ao que chamará de “subversão utópica” de Butler. No livro *Homos: repenser l'identité* ele explica que “a ressignificação não pode destruir; ela pode apenas apresentar à cultura dominante o espetáculo de uma irreverência política impotente”,<sup>29</sup> e continua: “em todo caso, é extremamente duvidoso que a ressignificação, ou os gestos paródicos, possa inverter alguma coisa”.<sup>30</sup> Alguns linguistas americanos estão fundamentados nesse debate para dar conta do funcionamento pragmático-semântico da ressignificação.

26 Id. (2003, p. 108, grifo nosso).

27 Bourcier (2002, § 3).

28 *Estudos de gênero e estudos queer*, respectivamente.

29 Bersani ([1995] 1998, p. 71).

30 Id. *ibid.*, p. 71.

Trata-se, de todo modo, de uma noção com forte coeficiente linguístico, que pode ser explicitada e retrabalhada proficuamente para integrar a teoria do discurso, com o objetivo de apreender politicamente as produções discursivas,<sup>31</sup> um pouco apagadas no cenário atual da análise do discurso,<sup>32</sup> especialmente aquela produzida no contexto francês.

## 2. A RESSIGNIFICAÇÃO NA LINGUÍSTICA

A noção de resignificação não está ausente nas pesquisas francesas em análise do discurso, mas é mencionada ou descrita como processo de mudança de sentido, e não teorizada linguisticamente, diferentemente dos trabalhos norte-americanos. Propomos aqui uma definição e uma descrição, como noção operatória para a análise do discurso.

### 2.1 AS RESSIGNIFICAÇÕES SEM A RESSIGNIFICAÇÃO: AS PESQUISAS FRANCESAS

Que um termo com conotações ou valores axiológicos negativos pode sofrer uma inversão de polaridade não é novidade, e existe na história exemplos famosos de termos ofensivos ou estigmatizantes cujos valores foram devolvidos por aqueles que foram qualificados negativamente, de maneira geral ou em certos contextos: referências políticas como *whig*,<sup>33</sup> *tory*,<sup>34</sup> *sans-culotte*,<sup>35</sup> designações militantes

31 Empregamos neste capítulo o termo *produção* no sentido amplo da ligação entre produção-recepção ou coprodução, os dois processos sendo inseparáveis um do outro, em particular nos universos digitais nativos.

32 Sobre a despolitização da análise do discurso na França e as propostas para repolitização por meio da noção de gênero, consulte Paveau (2018).

33 Liberais, fazendo referência ao maior partido liberal do Reino Unido.

34 Partido Conservador.

35 Em tradução literal “sem calção”, que faz menção à vestimenta típica da nobreza francesa na época da Revolução. Os *sans-culottes* eram, portanto, os trabalhadores que participaram da Revolução Francesa, assim chamados pela aristocracia.

como *suffragette*<sup>36</sup> (em inglês) ou  *salope*;<sup>37</sup> raciais como *nègre* e *nigga*;<sup>38</sup> de orientação sexual como *pédé*<sup>39</sup> ou *gouine*<sup>40, 41</sup> Essas inversões são pouco tratadas em linguística na França, onde o fenômeno é mais encarado, na linha de Meillet,<sup>42</sup> sob a forma de neologismo de sentido<sup>43</sup> ou fora de uma abordagem que integra as questões do gênero e, mais amplamente, as perspectivas políticas. Em análise do discurso, os trabalhos sobre inversões semânticas de palavras agressivas (insultos de solidariedade<sup>44</sup> ou insultos transformados em palavras doces<sup>45</sup>) adotam as perspectivas semântico-pragmáticas que não mobilizam, no entanto, a ressignificação ao modo de Butler, isto é, com um componente marcadamente político.

Certos pesquisadores consideram, todavia, uma “inversão axiológica”, como Chevalier e Constantin de Chanay, que se ocuparam, em 2009, dos empregos neutros ou “homófilos” de *pédé* e *tapette*,<sup>46</sup> descritos em termos de “orientação axiológica”: de acordo com os contextos, *pédé* pode ser “um termo que designa a força insultuosa invertida ou simplesmente anestesiada”, e os autores apontam que as “inversões axiológicas operam nas condições insultantes”, considerando principalmente a dimensão enunciativa.<sup>47</sup> Eles explicam, como conclusão, que “determinados termos têm uma predisposição, em razão de uma característica intrinsecamente pejorativa [constatamos tal fato, por exemplo, em “*enculé*”<sup>48</sup> ou “*lopette*”<sup>49</sup>] e por isso é difícil *remover* [essa característica]

36 Sufragistas. Mulheres que participaram do militantismo feminista no início do século 20 e que tinham como principal reivindicação o direito da mulher ao voto.

37 Puta, cadela, vadia.

38 A noção de *nègre* na França e *nigga* nos Estados Unidos pode se assemelhar ao uso de *preto* no Brasil – termo que também sofreu ressignificação por parte do movimento negro.

39 Equivalente a bicha em português.

40 Equivalente a sapatão em português.

41 Para análises detalhadas, consulte Paveau (2013a, 2013b, [2019a] 2020).

42 Meillet ([1921] 2005).

43 Bastuji (1974), Sablayrolles (2012).

44 Lagorgette e Larrivé (2004).

45 Détrie e Vérine (2015).

46 Equivalente a maricas em português.

47 Chevalier e Constantin de Chanay (2009, p. 171).

48 Filho da puta, imbecil, desgraçado.

49 Desmunhecado, bichona.

integralmente [...]”<sup>50</sup> As metáforas da anestesia ou da remoção se aproximam das propriedades da resignificação.

Entre os linguistas que trabalham na França sobre as atividades metalinguísticas amadoras nos militanismos, como Luca Greco, Noémie Marignier ou Anne-Charlotte Husson, encontramos a menção à resignificação como prática sociodiscursiva, por vezes com exemplos detalhados, mas sem o trabalho teórico sobre a noção, seja por parte da análise do discurso, da pragmática ou da antropologia linguística. Em um trabalho sobre a definição do gênero e da irmandade em contexto LGBTQ, Greco percebe uma atividade permanente sobre as palavras e categorias:

Nesse trabalho, que qualifico de “semântica artesanal”, em que os atores tratam o sentido e as categorias como verdadeiras fontes para a ação, demonstrando, de um lado, grande criatividade linguística e categorial e, de outro, uma capacidade incansável de resignificar, pelo modo como eles estabelecem *in situ* as características pressupostas para constituir a categoria – objeto da definição.<sup>51</sup>

De uma perspectiva na qual o gênero é definido como “conjunto de métodos (etno)linguageiros mobilizados pelos atores para produzir (ou interrogar) a binaridade e a diferença como princípio de inteligibilidade da construção categorial (homem *vs* mulher, mãe *vs* pai)”,<sup>52</sup> a resignificação surge como prática que não se limita à negociação do sentido das palavras, mas se estende à construção social das categorias. É igualmente isso que aponta Marignier na sua pesquisa sobre as denominações da intersexualidade, detalhando a resignificação da palavra *intersexo*:

<sup>50</sup> Chevalier e Constantin de Chanay (2009, p. 182).

<sup>51</sup> Greco (2016, p. 141).

<sup>52</sup> Id. *ibid.*, p. 149.

No início do militantismo intersexo são as denominações *intersexo* e *hermafrodita* que são usadas pelo.a.s militantes americano.a.s. Desse modo, a primeira associação de intersexo é chamada de *Intersex Society of North America*.<sup>53</sup> Esse militantismo herda, então, a terminologia médica.<sup>54</sup>

Esses empregos vêm de um processo de resignificação inspirado nas políticas de identidade *queer* que se desenvolveram nos anos 1980 e 1990, e que têm como resultado modificar o sentido da palavra *intersexo*:

Com a resignificação do estigma e a constituição de um militantismo intersexo, o próprio sentido de *intersexo* muda: *intersexo* não designa mais somente o sexo ou os indivíduos que tem VDS.<sup>55</sup> *Intersexo* torna-se uma identidade de gênero, como evidenciado pela adição cada vez mais frequente da inicial de *intersexo* nos movimentos das minorias sexuais e de gênero: LGBTI(Q).<sup>56</sup>

Em Husson, a resignificação é igualmente mencionada como prática sociodiscursiva importante para o militantismo de gênero, sendo integrada às “palavras julgadas, não julgadas, fórmulas, hashtags argumentativas, palavras-sentença” como categoria mais ampla das palavras agnósticas.<sup>57</sup>

Esses trabalhos mostram que a noção de resignificação e sua dimensão política são apresentadas nas análises a título de exemplo ou explicação, mas sem a teorização da noção enquanto tal. Como

53 Sociedade Intersexo da América do Norte.

54 Marignier (2016, p. 174).

55 VDS: variação do desenvolvimento sexual.

56 Marignier (2016, p. 175).

57 Husson (2017, p. 156).

explicar? Marignier sugere que a resignificação oculta alguma coisa um tanto “mágica”, que faz com que a análise saia do domínio linguístico e que esta saída, difícil de ser teorizada, impulsiona sua permanência no terreno semântico (haveria uma espécie de troca interna).

A noção de resignificação no contexto do militância de gênero é, no entanto, diretamente mobilizada pelas ciências da informação e da comunicação, por Kunert, principalmente. Em sua tese, intitulada “Circulations-transformations: le stéréotype et la norme re-signifiés”,<sup>58</sup> ela define a resignificação como efeito das práticas discursivas no âmbito da circulação, tradução ou transformação dos discursos e seus sentidos. Ela descreve essa circulação por meio de fenômenos de inversão, contrapartida ou neologia, categorias retomadas em sua obra de 2013, *Publicité, genre et stéréotype*,<sup>59</sup> afirmando que “se ele [o discurso publicitário] é frequentemente denunciado pelas representações cristalizadas, o estereótipo é tema das inversões críticas e da resignificação que operam uma espécie de contrapartida”.<sup>60</sup> A pesquisa da autora, que aborda principalmente o estereótipo, é desenvolvida sobre um *corpus* de “discursos antagonistas” (os discursos publicitários e antipublicitários), que são produzidos na “esfera de mercado” e na “esfera militante”, conforme a autora assinala num artigo sobre “o paradoxo da categorização discursiva”:

[...] o discurso militante nasce da leitura crítica do discurso de mercado, que procura descontruir invertendo, pirateando também seus efeitos de significação para os resignificar, muitas vezes de modo criativo.<sup>61</sup>

É esse trabalho que inspira Fracchiolla, num artigo sobre os discursos ligados ao *movimento casamento para todos* na França em 2013.<sup>62</sup> Mencionando diversas vezes a resignificação, a autora tem

58 Circulações-transformações: o estereótipo e a norma resignificados (KUNERT, 2010).

59 Publicidade, gênero e estereótipo (id., 2013a).

60 Id. (2013a, p. 32).

61 Id. (2013b, p. 106-107).

62 Fracchiolla ([2015] 2020).

como base exclusivamente os trabalhos de Kunert, e atribui ao processo um sentido linguístico (ressignificação de um substantivo) e um sentido temático (ressignificação do nascimento de Jesus). Ela fala também em “reapropriação invertida” e em “inversão”, e cita, para concluir, a noção de “rediscursivização” proposta por Sarah Mills, especialista em educação. É interessante constatar que a linguística transita aqui pelas ciências da informação e da comunicação para tratar da noção de ressignificação, talvez por falta de um tratamento linguístico mais acurado.

Acrescentamos que, fora do campo francês, a linguística transita pela sociologia, invocando a noção de “reversão do estigma” atribuída a Goffman,<sup>63</sup> emprego que frequentemente encontramos nos trabalhos em análise do discurso. Verifica-se, no entanto, que a “reversão do estigma” não existe na obra de Goffman, em que a expressão não é empregada, mas sim “correção do estigma”. O sociólogo não menciona casos de reversão ou de inversão, mas de mascaramento (o exemplo da muleta transformada em taco de golfe) ou de “tornar em derrisão” (teatralizar seu estigma o reafirmando). Para ele, a correção do estigma é uma tática de gestão social das relações e não um ato político de resistência à atribuição identitária. Correção do estigma e ressignificação são, portanto, noções distintas.

Talvez tenhamos de nos voltar para o mesmo autor, especialmente quando trata da noção de “atividades reparadoras” (justificações, desculpas, súplicas) para dar conta dos efeitos agentivos da ressignificação.<sup>64</sup> Mas estes atos tratam principalmente sobre o ofensor; como sublinha Conein, o autor “sempre restringe a reparação à ação corretiva de um único agente, aquele que cometeu o ato contestável, sem considerar as razões que a vítima poderia ter para reparar”.<sup>65</sup> Temos, assim, dificuldade em mobilizar essa noção ainda tão próxima da troca reparadora para dar conta da ressignificação, que é uma atividade linguageira que se origina no sujeito agredido, e não no ofensor.

63 Goffman ([1963] 1975).

64 Id. ([1971] 1973, capítulo 4).

65 Conein (2012, p. 220).

A resignificação, enquanto processo tanto linguístico, discursivo e político que consiste em reestabelecer um termo insultante por uma repetição subversiva, a partir do lugar enunciativo do insulto, não é formulada teoricamente em análise do discurso ou mais amplamente nas ciências da linguagem em contexto francês e nem no campo brasileiro. No entanto, é objeto de alguns campos da linguística norte-americana.<sup>66</sup>

## 2.2 “RECUPERAÇÃO LINGUÍSTICA”: DESCRIÇÕES ANGLÓFONAS

No campo dos *cultural studies*<sup>67</sup> anglófonos, e particularmente aquele dos estudos feministas, a resignificação é descrita, antes dos trabalhos de Butler, sob o termo *linguistic reclamation* (recuperação linguística) e se refere ao modo como as mulheres se apoderam das palavras, sobretudo as pejorativas – que a elas se referem, discursos proferidos sobre elas ou sobre seu lugar –, a fim de construir seus próprios universos discursivos, para alcançar e afirmar seu poder sobre elas mesmas. Nessa perspectiva, presente em Young,<sup>68</sup> por exemplo, ou em Tirrell,<sup>69</sup> a resignificação linguística<sup>70</sup> é considerada uma ferramenta da luta feminista, mas eles não fazem dessa noção o objeto de uma teorização do discurso em contexto militante (ainda que seja não linguística), nem de uma análise linguística. A noção de *recuperação* é amplamente pluridisciplinar, utilizada nos trabalhos feministas sobre as opressões, a autoridade ou a independência, como as pesquisas de Godrej, autora de uma importante síntese so-

66 Podemos nos questionar por que e fazer a hipótese da ligação entre a resignificação e o contexto comunitário. Obrigada a Luca Greco por ter sugerido essa pista.

67 Estudos culturais.

68 Young (1990).

69 Tirrell (1993).

70 Escolhemos essa tradução para o termo *linguistic reclamation*, pois a tradução literal por *reparação* não abarca a dimensão semântica do processo. De modo geral, existe atualmente em francês uma instabilidade lexical em torno de três termos: resignificação (*resignification*), reapropriação (*réappropriation*) e inversão (*retournement*). Mantivemos a escolha para a tradução em português.

bre a questão intitulada “Spaces of counter-narratives: the phenomenology of reclamation”<sup>71</sup>

Existem, no entanto, alguns estudos de linguistas que abordam especificamente a *linguistic reclamation*, como os de Chen e Brontsema.<sup>72</sup> Apresentamos aqui a análise de Brontsema, que não se desenvolve sobre a resignificação enquanto tal, mas sobre o debate que essa noção provoca. Seu artigo, intitulado “A queer revolution: reconceptualizing the debate over linguistic reclamation”,<sup>73</sup> adota uma perspectiva semântica e política. Ela retoma a definição de Chen:

O termo “reparar” se refere a uma base de interpretações teóricas e convencionais de atos coletivos tanto linguísticos quanto não linguísticos, nos quais um sinal depreciativo ou significante é conscientemente empregado pelo alvo “original” da derrogação, frequentemente num sentido positivo ou oposto.<sup>74</sup>

A autora explica, em seguida, que seu trabalho tem como objetivo superar a visão binária habitual da resignificação (passagem de um sentido pejorativo para um sentido melhorativo), com o objetivo de alcançar a complexidade do fenômeno:

No centro da reparação linguística está o direito de autodesignação, de forjar e nomear sua própria existência. Porque essa autodefinição é construída não nos seus próprios termos, mas naqueles do outro, porque ela depende necessariamente das palavras de depreciação para que sua resignificação seja revolucionária, o que nunca ocorre sem contestação e

71 Espaços de contranarrativas: a fenomenologia da recuperação (GODREJ, 2011).

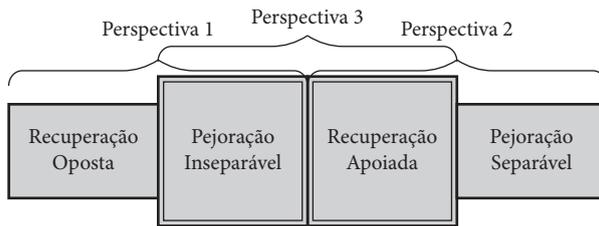
72 Chen (1998), Brontsema (2004).

73 Uma revolução queer: reconceitualizando o debate em torno da recuperação linguística (BRONTSEMA, 2004).

74 Chen (1998, p. 130).

controvérsia. Enquanto a controvérsia sobre a reparação é geralmente reduzida a um simples binário de apoio e oposição, apresento uma alternativa de conceptualização que representa exatamente tanto os contrastes complexos quanto os pontos em comum no debate.<sup>75</sup>

Para alcançar tal objetivo, a partir do caso da palavra *queer*, ela analisa o ponto preciso de disjunção entre a forma lexical e sua carga insultante, radicalizando o posicionamento de Butler na obra *Le pouvoir des mots*. A filósofa propõe, então, uma classificação que está assentada no modo como os alvos do insulto *queer* aceitam ou não a resignificação dos termos, sob a forma de um esquema.



**Figura 1** Reconceitualização do debate sobre a reparação linguística.

Esquema da “reparação linguística” do termo *queer*.<sup>76</sup>

As três perspectivas apresentadas constituem uma teoria semântica popular (*folk*) da resignificação fundamentada na disponibilidade da palavra de modificar seus valores convergentes, o que significa a oposição entre *pejoração inseparável* vs *separável* e a aceitabilidade de seu emprego, a pejoração sendo “separada” ou não da palavra (*recuperação apoiada* vs *oposta*). Explicitamente, a perspectiva 3 é a mais complexa e a mais interessante (a pejoração permanece, mas o emprego de *queer* pelos alvos é aceitável), as duas outras formas sendo mais esperadas (perspectiva 1: a pejoração permanece e seu emprego é recusado; perspectiva 2: a pejoração desaparece e

<sup>75</sup> Brontsema (2004, p. 1).

<sup>76</sup> Id. *ibid.*

o uso é aceito). O termo, que sempre carrega em si uma carga insultante, sendo adotado pelo insultado para ser reestabelecido em outros contextos, corresponde à teorização da repetição subversiva de Butler, para a qual não se trata de neutralizar as palavras, mas de reposicioná-las na cena, de jogá-las novamente no teatro do discurso social.

Brontsema tem razão quando aborda a ressignificação linguística pela via metadiscursiva, isto é, analisa as discussões sobre o uso numa abordagem análoga à Linguística *folk*, ainda que ela não a reivindique: isso a permite integrar posições e empregos de locutores numa perspectiva de trabalho que chamaremos voluntariamente de ambiental, pois integra plenamente as dimensões sociopolíticas do sentido sem as reduzir a um simples contexto, e sobretudo sem analisar o discurso sem seus sujeitos. Outros pesquisadores seguem o mesmo caminho, como Herbert, por exemplo, que analisa os “projetos precários” (*precarious projects*) de ressignificação, demonstrando que, uma vez alcançada, a ressignificação contribui com a luta contra as opressões, mas, se falhar, ela se constitui em uma outra nova forma [de opressão].<sup>77</sup>

Esses trabalhos, mesmo que rapidamente apresentados, visto que nosso objetivo aqui não é propor uma cartografia exaustiva dessa noção, estabelecem uma boa contribuição à teorização da ressignificação na análise do discurso, que agora propomos, antes de mostrar como os dispositivos digitais nativos favorecem os procedimentos tecnolinguageiros.

### 2.3 A RESSIGNIFICAÇÃO: UMA NOÇÃO PARA A ANÁLISE DO DISCURSO

Apresentamos aqui uma proposta para teorizar a ressignificação, de modo a convertê-la numa noção pertinente e operatória para a análise do discurso, na esteira de Butler, do trabalho de Brontsema,

---

77 Herbert (2015).

pesquisas anteriores que desenvolvi sobre a noção<sup>78</sup> e integrando igualmente a perspectiva de Kunert. Essa teorização excede a própria prática de reapropriação das designações de pessoas (como no caso emblemático de *queer*) e se desvencilha da abordagem lexical ou categorial frequentemente apresentada para exemplificar a resignificação. Ela se abre para outras práticas e táticas discursivas, permitidas pelos universos discursivos digitais, mas não por eles apenas, envolvendo não somente os designativos, mas os discursos, os signos, as imagens, os sons. A resignificação não é, portanto, apenas um processo semântico-pragmático, mas um dispositivo discursivo total que envolve formas discursivas variadas e pluri-semióticas.

Descrevemos aqui os sete critérios linguístico-(tecno)discursivos que constituem, a nosso ver, a resignificação como processo discursivo:

1. Critério pragmático: existe uma ferida linguageira provocada pelo insulto, estigmatização, ataque etc. a respeito da identidade de uma pessoa ou grupo;
2. Critério interacional: uma resposta ao enunciado ofensivo é produzida;
3. Critério enunciativo: o sujeito agredido é a origem enunciativa da resposta, que ele retoma do enunciado ofensivo por conta própria como autocategorização ou provocando uma recontextualização simples;
4. Critério semântico-axiológico: o enunciado-resposta compreende uma inversão ou mudança semântica e/ou axiológica;
5. Critério discursivo: o enunciado-resposta é produzido em contexto diferente do enunciado ofensivo, que é recontextualizado pela “abertura a contextos desconhecidos”;<sup>79</sup>
6. Critério sociossemântico: o uso recontextualizado do elemento linguageiro é julgado como aceitável e reco-

78 Paveau (2013, [2017] 2020, 2017, [2019a] 2020).

79 Butler ([1990] 2005, p. 234).

nhecido como tal pelos sujeitos implicados, que formam um sujeito coletivo;

7. Critério pragmático-político: o enunciado ressignificado é revolucionário, pois produz uma reparação e uma resistência, ampliando a coesão do sujeito militante.<sup>80</sup>

Diante desses critérios, é possível definir a ressignificação como prática linguageira, linguística e material de resposta (2)<sup>81</sup> a um enunciado ofensivo (1), efetuada pelo sujeito agredido pela autocategorização ou recontextualização simples (3), que estabelece um retorno do enunciado ofensivo (4) num contexto alternativo (5), o novo uso sendo aceito coletivamente (6) e produzindo uma reparação e uma resistência (7).

### 3. A RESSIGNIFICAÇÃO NOS UNIVERSOS DISCURSIVOS DIGITAIS NATIVOS

Essa explanação um pouco extensa era necessária para apresentar devidamente uma noção pouco familiar a pesquisadores franceses, e também brasileiros. Retornaremos ao nosso terreno de pesquisa, os tecnodiscursos de ressignificação nativos da web, apresentando a perspectiva deste livro de modo mais detido.

#### 3.1 UMA PEQUENA COLEÇÃO DE EXEMPLOS

Para trabalhar sobre os tecnodiscursos da web numa perspectiva ecológica, conforme enunciado na introdução, nos parece que é preciso eliminar a prática de extração de elementos verbais, na medida em que esses tecnodiscursos são compósitos (os tuítes, por exemplo, são atualmente plurissemióticos, incluindo também imagens), ampliados (analisar um post do Facebook sem seus comentários implica

80 Kunert (2010).

81 Linguageiro porque se trata do uso das palavras, linguístico, pois existe uma dimensão metadiscursiva, material, uma vez que a ressignificação deve ser publicada numa mídia para ser compartilhável.

renunciar à integridade dos enunciados) e interligados (descrever as publicações de uma rede social sem levar em conta sua especificidade idiodigital, isto é, específica do usuário que a faz subjetivamente aparecer no seu navegador, configurado por definição de maneira individual). Isso significa que a constituição de um *corpus* não pode mais ser feita segundo as normas de discursos pré ou não digitais, que privilegiam atualmente os “grandes” *corpora* verbais.

Como demonstram os exemplos mobilizados na introdução deste capítulo, os enunciados digitais nativos são semioticamente complexos, dependentes dos ambientes nos quais são produzidos e não redutíveis a segmentos linguageiros normatizáveis.<sup>82</sup> Ademais, nosso objetivo neste livro visa a compreensão do funcionamento dos enunciados digitais nativos e não o estabelecimento de regularidades, procurando validar uma hipótese interpretativa. Por essas razões, vamos trabalhar com uma coleção de exemplos recolhidos por meio de um rastreamento “*ao voo*”<sup>83</sup> no cotidiano de nossas navegações, segundo um método que se aproxima do que Pétonnet<sup>84</sup> chamou “observação flutuante”, em seu trabalho sobre os cemitérios parisienses. Cumpre assinalar aqui que o rastreamento “*ao voo*” remete ao conceito desenvolvido por Sophie Moirand, que afirma que o *corpus* “*ao voo*” é construído, por exemplo, pelas

expressões linguísticas coletadas pelo pesquisador durante suas leituras ou viagens pessoais, e o que ele ouve na rua, meios de transporte, lojas, salas de espera etc., equipado com um caderno e lápis, um pequeno gravador de som ou seu celular para coletar, por exemplo, grafites que, adicionados a cartazes publicitários ou eleitorais, ajudam a desviar a mensagem original.<sup>85</sup>

82 Certas abordagens quantitativas integram, todavia, o respeito à ecologia dos discursos digitais. Consulte, por exemplo, em info-com, Bottini e Julliard (2017).

83 Moirand ([2018] 2020).

84 Pétonnet (1982).

85 Moirand ([2018] 2020, § 14).

Nosso critério de seleção dos exemplos a serem analisados é a categoria de resignificação, definida segundo sete critérios que nos servem de orientação. Os exemplos foram recolhidos diretamente nas redes sociais e indiretamente por meio de artigos da imprensa que discutiram estes fenômenos. O delineamento temporal é curto e corresponde a uma sincronia um pouco estendida: de 2013 a 2018. Grande parte dos exemplos está em inglês, indubitavelmente (por enquanto, uma hipótese), porque tanto a prática da resignificação quanto seu estudo científico têm origens comunitárias (ver nota 66).

O recurso a uma coleção de exemplos e não a um *corpus* propriamente dito, no sentido mais tradicional, se justifica apesar dos imperativos atuais de construção de grandes *corpora*, sustentados por lógicas tantos institucionais quanto científicas. Trata-se de uma posição minoritária, até mesmo combatida, mas um número recente da revista *Corpus* sobre a questão dos “pequenos *corpora*”<sup>86</sup> mostra seu interesse em retomar utilmente a representatividade e o exemplo. Na introdução, Danino, coordenadora desse número da revista, afirma:

Ao confrontarmos a noção de corpus àquelas de classe e de coleção, a noção de representatividade enfrenta a do exemplo e do que determina seu valor e, portanto, seu escopo. Newton teria necessidade de estudar três maçãs para pensar a gravidade?<sup>87</sup>

As maçãs de Isaac Newton estão plenamente de acordo com as salamandras de Donna Haraway, apresentadas no início deste capítulo, e essa comparação da representatividade e do exemplo, muito interessante para os fenômenos que nos propomos a estudar neste livro, permite, além disso, oxigenar a questão do corpus um tanto estabilizada nos imperativos quantitativistas. Nosso objetivo é mostrar aquilo

86 Disponível em: <https://journals.openedition.org/corpus/3094>.

87 Danino ([2018] 2020, § 14).

que permite o surgimento dos dispositivos tecnodiscursivos em termos de produção e recepção de formas; não nos sentimos muito obrigados a fornecer dados representativos que culminam em enunciar uma regra. Esse aspecto não impede que a coleção de exemplos que estabelecemos possa se classificar em grandes tendências, ou até mesmo em regularidades.

O artigo de Fornel e Verdier no número já mencionado da revista *Corpus*, intitulado “Corpus, classes d'exemples et collections en analyse de conversation”,<sup>88</sup> defende “a coleção de casos singulares” em análise conversacional, o que está em pleno acordo com os nossos próprios “casos”, os quais designamos como pequenos acontecimentos discursivos documentados:

Para dizer a verdade, é raro o estudo de um único excerto. Uma aproximação é frequentemente realizada com outros fragmentos que apresentem características diferentes e que permitem deixar mais complexa a análise. Desse modo que se constitui uma coleção, conjunto de casos singulares. Um caso singular não constituiria um corpus. Essa coleção tem pouco a ver com a classe, pois a semelhança de família, se ela estiver presente, não é colocada em causa.<sup>89</sup>

A coleção deve ser, todavia, cuidadosamente distinguida da classe, mesmo se o seu ponto de partida, o caso, seja o mesmo:

Abstemo-nos de confundir as situações analisadas até o presente momento, em que o caso singular, ponto de partida da pesquisa, conduz à constituição de uma classe (e o caso desviante ao reexame dos critérios definidores da classe) com aqueles em que o caso singular

88 Corpus, classes de exemplos e coleções em análise da conversação. Disponível em: <https://journals.openedition.org/corpus/3184>.

89 Fornel e Verdier ([2018] 2020, § 13).

consegue, por adição de outros casos singulares, criar uma coleção.<sup>90</sup>

Os autores buscam apoio nos trabalhos de Goodwin para defender a escolha do caso singular como objeto de descrição linguística: “Não é a similaridade dos exemplos ou dos fragmentos de *corpus* que conta, mas sua capacidade de permitir o aprofundamento de um problema particular”, acrescentando que uma coleção “não é particularmente destinada a crescer: a introdução de novos extratos permite frequentemente aprofundar o funcionamento de um dispositivo sequencial e sua ancoragem contextual”.<sup>91</sup> Essa escolha metodológica do pequeno corpus sob a forma de coleção de casos está em harmonia com a perspectiva da análise ecológica do discurso no que concerne ao terreno dos discursos digitais nativos, pois permite, como explica Moirand<sup>92</sup> nesse mesmo número da revista *Corpus*,

descrever formas discursivas raras ou ainda não estabilizadas, refletir acerca dos conceitos e as noções que intervêm nessa análise, bem como sobre as relações entre linguagem verbal e o mundo do corpus “*ao voô*” e de todos os “pequenos corpora” para “refletir com”.<sup>93</sup>

Notadamente, a expressão “refletir com” se apresenta como uma atividade constitutiva da descrição dos funcionamentos languageiros, especialmente nos contextos de relativa inovação. Com efeito, podemos dizer que os tecnodiscursos da web participam de um “arsenal argumentativo”, tal qual Moirand assevera no final de seu texto:

---

90 Id. *ibid.*, § 17.

91 Id. *ibid.*, § 17.

92 Disponível em: <https://journals.openedition.org/corpus/3519>.

93 Moirand ([2018] 2020, § 2).

Trabalhar sobre pequenos corpora permite encontrar as formas linguageiras não necessariamente “frequentes”, no sentido estatístico do termo, mas sim as formas “emergentes” reveladoras do tempo presente e que por conta disso são parte de um “arsenal argumentativo” (Angenot) em um momento da história de uma sociedade, um arsenal que carrega ele mesmo a História dessa sociedade.<sup>94</sup>

A escolha da coleção de exemplos condiciona a sua apresentação: esses exemplos são mostrados aqui sob a forma de captura de tela, incluindo o maior número de metadados (os tuítes são, por exemplo, desdobrados) e dotados de URL (endereço) da publicação (todas as publicações das RSD são páginas da internet). Estas publicações são anonimizadas quando os escritores não são celebridades ou pessoas públicas já difundidas em numerosas mídias (no caso de a URL não ser indicada).

#### **4. PRÁTICAS DIGITAIS NATIVAS DA RESSIGNIFICAÇÃO LINGUÍSTICA**

Apresentamos aqui uma coleção de catorze exemplos de práticas de resignificação nativas da web. Os terrenos são quatro redes sociais digitais (Facebook, Twitter, Instagram e YouTube) e uma revista online. Não abandonamos, todavia, a ideia de regularidade. Na verdade, a reagrupamos em três categorias correspondentes a uma gradação de complexidade de elaboração discursiva, da simples recontextualização à reconfiguração de um dispositivo criativo cultural, passando pela republicação analógica.

---

94 Id. *ibid.*, § 51.

## 4.1 A RESSIGNIFICAÇÃO POR RECONTEXTUALIZAÇÃO ENUNCIATIVA

Trata-se da prática mínima de resignificação, descrita em termos não linguísticos por Butler como a abertura de novos contextos:

A resignificação do discurso requer a abertura de novos contextos, falamos aqui sobre os modos, que ainda não foram legitimados e que produzem por consequência formas novas e futuras de legitimação.<sup>95</sup>

De um ponto de vista linguístico, trata-se da repetição de palavras, enunciados ou signos sob a forma de origem em contextos diferentes e a partir de uma fonte enunciativa diferente, pois está relacionada à pessoa ofendida. É a colocação em circulação discursiva que produz a resignificação. Propomos uma classificação de formas produzidas pelo código semiótico dominante (escrito, oral, imagético e sonoro).

### 4.1.1 Formas do código dominante escritural

Designamos como dominante escritural as produções plurisemióticas nas quais o escrito é o código dominante. Nos exemplos 1 e 2 a seguir, os enunciados são coconstituídos de formas escriturais (os enunciados dos tuítes publicados e dos comentários republicados em captura de tela) e os icônicos (capturas de tela que iconizam o escrito).

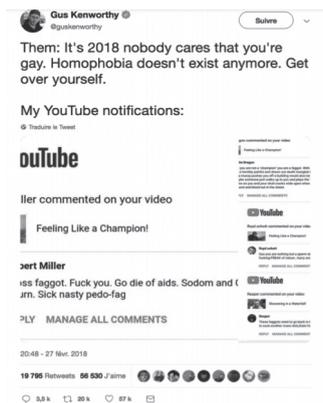
#### – A republicação simples

Exemplo 1. Gus Kenworthy, esquiador americano, republica em sua conta no Twitter os comentários homofóbicos postados em seu canal no YouTube, após a publicação pela imprensa de uma fotografia

95 Butler ([1990] 2005, p. 65).

na qual ele está abraçado a seu companheiro, durante os Jogos Olímpicos de Inverno de 2018. Trata-se de uma recontextualização simples sem reapropriação enunciativa, mas com uma reapropriação tecno-discursiva por transferência de um espaço de publicação a outro: o esquiador faz as capturas de tela do YouTube e as publica como imagens em um tuíte, acompanhadas por uma iconização do texto.<sup>96</sup>

A parte verbal do tuíte constrói uma antítese discursiva entre um ponto de vista neutro em relação à homossexualidade (“*Eles*”) e o ponto de vista homofóbico dos insultos (“*Minhas notificações do YouTube*”). Se podemos falar de inversão da polaridade dos insultos (critério 4 da definição da resignificação, proposto no início do capítulo), sua visibilidade pela pessoa agredida produz um efeito neutralizador que apela para a empatia ou para a simpatia, como mostram as dezenas de respostas gentis ao tuíte do esquiador, abrindo um espaço de resistência. O critério 6, sobre a aceitabilidade dos elementos resignificados, está semanticamente ausente; essa aceitabilidade se sustenta bastante no fato de a republicação ter sido feita pelo ofendido (é o fato do esquiador publicar os insultos que é aceitável, e não o seu conteúdo de sentido).



### Exemplo 1 Tuíte de Gus Kenworthy, Twitter.<sup>97</sup>

96 Paveau (2017, entrada *Tecnografismo*).

97 Disponível em: <https://twitter.com/guskenworthy/status/968573622351626240/photo/1>. Acesso em: 27 fev. 2018.

## – A republicação com comentário ressignificante

Exemplo 2. Em setembro de 2018, a humorista Constance republica igualmente os insultos recebidos depois de uma crônica radiofônica, transmitida pelo canal France Inter, “Conversemos sobre peitos”,<sup>98</sup> e na sequência ela mostra seus seios. Ela publica um tuíte com capturas de tela dos comentários ofensivos e um texto invertendo a polaridade dos conteúdos, o conjunto recontextualizando os enunciados primeiros:



**Exemplo 2** Tuíte de Constance, Twitter.<sup>99</sup>

É esse enunciado irônico que inicia o tuíte – “Muito amor por causa da minha crônica” – mais um emoji de coração que asseguram a ressignificação dos insultos, por meio de uma espécie de atenuação, diferentemente da publicação de Gus Kenworthy, na qual a ressignificação é assegurada pela constante irônica da inexistência de

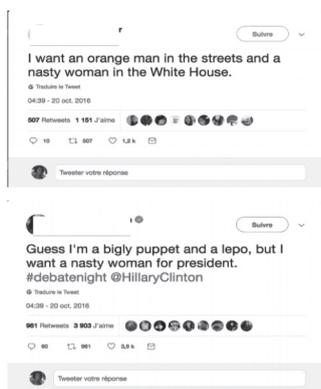
98 No programa, Constance voltou a falar sobre o dia mundial do topless, “uma celebração que é amplamente evitada em Cabul, mas também na França, onde, regularmente, escândalos surgem quando mulheres ousam amamentar seus bebês em um lugar público, ou até mesmo fazer o topless na praia, podendo tornar-se verdadeiramente propensa a se passar por vadia [...] me surpreendo com as aversões que persistem em torno de dois bolsões de gordura e glândulas, é uma forma de ver coisas”. Disponível em: <https://www.midilibre.fr/2018/08/29/seins-nus-lhumoriste-constance-fait-leloge-des-lolos-sur-france-inter,4685037.php>.

99 Disponível em: <https://twitter.com/ConstancePro/status/1035835561507008513>. Acesso em: 1 set. 2018. Tradução do segmento verbal do exemplo 2: Bom dia! Muito amor por causa da minha crônica. Preciso compartilhar com vocês. “Você poderia fazer uma selfie com sua boca grande aberta?”; “Faz uma selfie com seu decote para mim”; “Se ao menos você tivesse mostrado sua bela pequena buceta também hummmm”.

homofobia. Esse tipo de resignificação corresponde ao critério 4 da definição, o critério 6 está também ausente pelas mesmas razões que o exemplo precedente.

### – A retomada enunciativa

Exemplo 3. A retomada do sintagma estabilizado *nasty woman* no Twitter, em uso e em hashtag, corresponde à forma clássica de reapropriação do insulto ou do termo pejorativo em primeira pessoa, ou de uma valorização em terceira pessoa: o termo é recolocado em circulação em um contexto novo, geralmente humorístico, que modifica seus sentidos. Os semas pejorativos de *nasty* (malvada, desagradável, nociva) são mantidos e se tornam ferramentas de luta contra Trump e, mais amplamente, contra as posições fascistas que ele encarna. Nos dois exemplos a seguir, *a nasty woman in the White House*<sup>100</sup> e *a nasty woman for president*,<sup>101</sup> verificamos a perspectiva 3 de Brontsema, *pejoração inseparável* mais *recuperação apoiada*.



### Exemplo 3 Dois tuítes resignificando *nasty woman*, Twitter.<sup>102</sup>

100 Uma mulher malvada na Casa Branca.

101 Uma mulher malvada para presidente.

102 Tuíte de 20 de outubro de 2016. Tradução do segmento verbal do exemplo 3: “Eu quero um homem laranja na rua e uma mulher malvada na Casa Branca”. “Advinhem, eu sou uma grande e bonita marionete, mas quero a mulher malvada para presidente #noitedebate”.

## 4.1.2 Formas na dominante icônica

### – A publicação de selfies incluindo os assediadores

Exemplo 4. Noa Jansma, holandesa de 21 anos, denuncia o assédio de rua, produzindo durante um mês selfies com seus assediadores em segundo plano e publicando em sua conta no Instagram @dearcatcallers (“caros assediadores” de 29 de agosto a 30 de setembro de 2019). A publicação traz as falas proferidas pelo assediador, sendo, portanto, compósita, mas a imagem é o elemento dominante. O Instagram originalmente é um site de publicação de fotografias, que com o tempo adquiriu funções de editorialização (comentários, respostas, compartilhamentos). Como nos exemplos precedentes, tanto o retorno axiológico (critério 4) como a aceitabilidade do enunciado (critério 6) são assegurados pela publicação do dispositivo de assédio ele mesmo, numa prática de desvio da selfie. Todos os outros critérios estão presentes.



**Exemplo 4** Primeira publicação de Noa Jansma na conta @dearcatcallers, Instagram.<sup>103</sup>

103 Disponível em: <https://instagram.com/p/BYYSdGHlx2Y/>. Acesso em: 29 ago. 2017. Tradução do segmento verbal do exemplo 4: “Envie-me uma captura de tela e eu te respondo”; “Sou muito preguiçoso para descobrir por que você postou, tem complicações”; “Não entendi por que você me marcou aqui então?”; “Eu sei, mas perdi o comentário”.

### 4.1.3 Formas plurissemióticas na dominante oral

#### – A leitura em voz alta dos comentários ofensivos

Exemplo 5. Desde 2012, o humorista norte-americano Jimmy Kimmel, apresentador de um célebre show televisado no Canal ABC, intitulado *Jimmy Kimmel live!*, pede que as celebridades convidadas para o programa leiam tuítes agressivos endereçados a elas, em um quadro intitulado *Mean tweets* (tuítes maldosos). O dispositivo de leitura é simples: as celebridades (atores, atrizes, cantores) são filmadas de frente lendo um tuíte em um celular enquanto esse tuíte é colocado na tela do televisor e se desenrola com o ritmo da leitura.



**Exemplo 5** Susan Sarandon lê um tuíte maldoso, YouTube.<sup>104</sup>

Exemplo 6. Um site esportivo, *Just Not Sports*, propôs o mesmo tipo de dispositivo em 2016, na ocasião de uma campanha intitulada *#MoreThanMean* (*#MaisQueMaldoso*), que solicitava aos homens que lessem tuítes ofensivos endereçados às mulheres jornalistas de esporte.<sup>105</sup>

A leitura em voz alta constitui uma recontextualização enunciativa ao mesmo tempo que produz uma variação (diamésica) dos enunciados primeiros. Nesses exemplos, o primeiro critério de resignificação não está verdadeiramente presente (são os apresentado-

<sup>104</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xr6uNyo8Qgg>. Acesso em: 25 fev. 2016. Tradução do segmento verbal do exemplo 5: “Cansada de ter os peitos grandes, gordos e flácidos da Susan Sarandon na minha cara”.

<sup>105</sup> *#MoreThanMean* (*#MaisQueMaldoso*). Women in Sports “Face” Harassment (Mulheres no esporte “diante” do assédio). Vídeo postado no Canal YouTube *Just Not Sports* em 25 abr. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9tU-D-m2jY8>.

res dos programas que provocam a recontextualização, que não advém dos sujeitos ofendidos) e os critérios 4 e 6 são assegurados pelo próprio dispositivo, como nos exemplos precedentes.

#### – Cantar os comentários ofensivos

Exemplo 7. De modo análogo à leitura em voz alta, o cantar dos enunciados ofensivos recontextualiza esses enunciados modificando a enunciação de forma notável, pois eles se tornam musicais. Um vídeo do canal do YouTube, *World Wide Interweb*, intitulado *The YouTube Comments Choir*, propõe esse tipo de recontextualização com o mesmo dispositivo de incrustação da escrita dos tuítes, agora cantados:



**Exemplo 7** *The YouTube Comments Choir*, YouTube.<sup>106</sup>

## 4.2 A RESSIGNIFICAÇÃO POR PUBLICAÇÃO ANALÓGICA

Chamamos de publicação analógica a colocação em rede de uma produção tecnodiscursiva análoga à do ataque. Não se trata da recolocação em circulação da produção agressiva inicial, mas da fabricação de uma nova produção sinônima ou parecida. Recuperamos esses tipos de ressignificação nas profissões que envolvem o corpo, em particular no domínio do *revenge porn* (pornô de vingança). As publicações são plurissemióticas, de domínio icônico.

106 Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Fd2z\\_ZLtcZQ](https://www.youtube.com/watch?v=Fd2z_ZLtcZQ). Acesso em: 9 out. 2013. Tradução do segmento verbal do exemplo 7: “Vai se foder, em resposta a um usuário há uma semana”.

### – A publicação analógica de imagens fixas

Exemplo 8. Em 2014, uma jovem dinamarquesa, Emma Holten, publica na revista online *FRIKTION* fotos suas nua, tiradas por uma fotógrafa profissional. Trata-se de uma resposta a uma difusão precedente de fotos nuas roubadas por um hacker que desencadeou um assédio cibernético de vários meses. A publicação, acompanhada de um texto em primeira pessoa, é o início de um projeto militante, intitulado *Consent* (consentimento), que se desenvolve nos anos seguintes, tendo Emma Holten se tornado, a partir desse trabalho de *revenge porn*, uma ativista feminista.<sup>107</sup>

Exemplo 9. Em novembro de 2017, a musicista Sia publica em sua conta no Twitter uma foto sua nua no estilo desfocado, como das fotos roubadas. Junto à foto ela publicou o seguinte texto: “Alguém aparentemente está tentando vender fotos nuas minhas para meus fãs. Economize seu dinheiro, aqui vocês as acessam gratuitamente. Todo dia é Natal!” (@Sia, 7 nov. 2017).

### – A publicação analógica de imagens em movimento (vídeo)

Exemplo 10. O exemplo a seguir é um dos três apresentados na introdução deste capítulo. Em janeiro de 2019, a deputada democrata Ocasio-Cortez publica um vídeo no qual ela está dançando na porta do seu gabinete no Congresso, em resposta à difusão por parte de seus adversários republicanos, de um vídeo feito quando ela era mais jovem (@AOC, 4 jan. 2019).

Nesses exemplos, a resignificação é assegurada não somente pela abertura a novos contextos, mas igualmente pela produção de novos enunciados compósitos pelo sujeito agredido. Nesses três casos, mas sobretudo no de Holten, a resignificação está dotada de uma dimensão política forte, pois a jovem mulher deve a ela seu atual *status* de ativista.

---

107 O artigo foi publicado na revista *FRIKTION* de 1º de setembro de 2014: En ny historie om min krop. Disponível em: <https://frikionmagasin.dk/en-ny-historie-om-minkrop-979a9b1fefc2>. (Esse exemplo é um caso particular na coleção: está em dinamarquês e aparece numa revista online.)

### 4.3 A RESSIGNIFICAÇÃO POR PRODUÇÃO DE UM DISPOSITIVO CULTURAL

Buscamos agrupar aqui exemplos de respostas ressignificantes relacionadas à construção de dispositivos tecnodiscursivos culturais ou intelectuais: os sujeitos agredidos que produzem enunciados ressignificantes a partir de suas competências técnicas, relacionadas ao seu campo profissional, mídias e ciências humanas.

#### – A criação midiática

Exemplo 11. O clipe musical. Em 2014, Lisa Schwartz, youtuber que tem um canal de humor e de vida cotidiana intitulado *LisBug*, decide responder aos comentários de ódio que recebeu. Ela transforma numa versão paródica o clipe do vídeo da última canção de Taylor Swift, *Shake it off*. O clipe produzido por Lisa Schwartz adota o dispositivo plurissemiótico da inserção de comentários escritos sobre a tela, que a humorista canta dançando.

Exemplo 12. O tutorial de beleza. Cansada de receber cotidianamente insultos em sua conta no Instagram, notadamente sobre seu corpo e peso (*porca, gorda, feia, mostra...*), Nabela Noor, uma youtuber norte-americana especializada em tutoriais de maquiagem, postou em 31 de dezembro de 2017 um vídeo em sua conta no Instagram, no qual mostra no seu rosto, escrito com produtos de maquiagem, os vários insultos que recebeu ao longo de 2017. Esse dispositivo se apresenta como uma forma particularmente interessante de ressignificação, que reimplementa os insultos recebidos no próprio site no qual a ferida foi provocada e os transforma em bases de embelezamento graças aos acessórios de escritura: os pincéis de maquiagem.

No desenrolar do vídeo, construído sobre o modelo de um tutorial de beleza, a jovem escreve os insultos sobre seu rosto e suas bochechas, depois borra esses insultos com o pincel, para elaborar em seguida sua maquiagem sobre essa base. Por último, a youtuber deixa claro que a mensagem do vídeo não está centrada na maquiagem, e sim em seu empoderamento e da comunidade da qual participa, e termina o vídeo dizendo: “Este vídeo é uma pequena

vitória em minha revolução de amor próprio e mal posso esperar para continuar a luta em 2018. Não sou o que dizem que sou. Nunca serei reduzida a palavras do outro. Sou valente. Sou forte. Sou quem devo ser. Esta sou eu”.



**Exemplo 12** Publicação de Nabela, Instagram.<sup>108</sup>

O vídeo em questão (representado metonimicamente nas três imagens anteriores) se constitui num exemplo lapidário de um trabalho de resignificação por meio de uma criação midiática. Nele, é possível perceber os sete critérios propostos anteriormente para compreender o funcionamento discursivo da resignificação: 1. critério pragmático: existe uma ferida linguageira provocada pelo insulto a respeito do corpo de um sujeito – os comentários preconceituosos notadamente sobre o peso desse sujeito: *porca, gorda, feia, monstra...*; 2. critério interacional: uma resposta ao enunciado ofensivo é produzida – a cenografia de um tutorial de beleza é construída e colocada em circulação enquanto contradiscurso que rebate os insultos que foram desferidos a esse sujeito; 3. critério enunciativo: o sujeito agredido não é mais origem enunciativa da resposta, mas seu contradiscurso

<sup>108</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/BdX\\_6CfAnxX/](https://www.instagram.com/p/BdX_6CfAnxX/). Acesso em: 31 dez. 2017.

passa a ser objeto de comentários em outros espaços;<sup>109</sup> 4. critério semântico-axiológico: o enunciado-resposta compreende uma inversão ou mudança semântica e/ou axiológica – o que era um discurso insultuoso se transforma a partir do trabalho de um sujeito num contradiscurso que reafirma, entre outras coisas, o amor próprio desse sujeito; 5. critério discursivo: o enunciado-resposta é produzido em contexto diferente do enunciado ofensivo, que é recontextualizado e passa a circular em diferentes mídiuns; 6. critério sociossemântico: o uso recontextualizado do elemento linguageiro é julgado como aceitável e reconhecido como tal pelos sujeitos implicados, que formam um sujeito coletivo – diversas mulheres se sentem verdadeiramente representadas pelo contradiscurso do sujeito ofendido e passam a apoiá-lo; 7. critério pragmático-político: o enunciado ressignificado é, num certo sentido, revolucionário, pois produz uma reparação e uma resistência, ampliando a coesão do sujeito militante.

A seguir, observamos alguns comentários feitos por usuários do Instagram no vídeo postado por Nabela. Eles comprovam a aceitação e o caráter de inversão axiológica proposto pela publicação, e além disso demonstram a ampliação da causa: “Você é uma mulher linda e forte. Amo você”; “Garota, você não precisa de maquiagem, você é maravilhosa”; e “Garota, você é linda, nunca deixe que ninguém diga que você não é, você é linda por dentro e por fora”, comentários marcados também por muitos corações, isto é, muita afetividade e empatia.



109 Por exemplo, no site [www.upsocl.com/inspiracion/youtuber-xl-responde-a-los-que-le-dicen-fea-con-tutorial-de-maquillaje-los-calla-con-su-belleza/](http://www.upsocl.com/inspiracion/youtuber-xl-responde-a-los-que-le-dicen-fea-con-tutorial-de-maquillaje-los-calla-con-su-belleza/).

### – O dispositivo icônico-discursivo-financeiro

Exemplo 13. O vídeo de arrecadação de fundos. Em junho de 2016, depois dos assassinatos de Orlando nos EUA (um jovem que abriu fogo em um clube gay noturno, fazendo 49 vítimas), o canal americano *Seriously.TV* publica em sua conta no YouTube um vídeo destinado a alimentar o fundo de ajuda às vítimas da tragédia: para cada comentário homofóbico, o canal doaria um dólar ao fundo. O vídeo intitulado *Men Kissing Men* (Homem beijando Homem) é construído alternando cenas de beijos e mensagens no formato de um cartaz digital (alguém é filmado de frente com um cartaz manuscrito diante de si), que explica o procedimento. Se o insulto aqui não é verbal, o procedimento de resignificação está presente, e é relativamente complexo: os beijos entre homens, estigmatizados pelo assassino e sua homofobia, são postos em circulação em um novo contexto, em que o insulto se torna financeiramente benéfico. Todos os critérios da definição estão presentes, a reparação é aqui materialmente manifestada, o que explica o enunciado final de agradecimento, que não se apresenta como paradoxal ou fora de contexto.



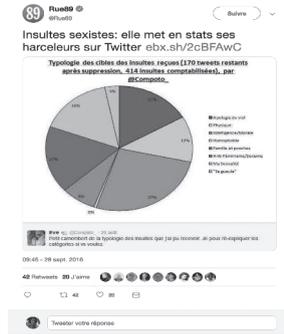
Exemplo 13 Vídeo de *Seriously.TV*, YouTube.<sup>110</sup>

### – A produção do saber científico

Exemplo 14. As estatísticas científicas. Trata-se de um dos exemplos mencionados na introdução deste capítulo. Em 2016, uma jovem geógrafa utiliza a metodologia do trabalho em ciências hu-

<sup>110</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sXTTgBKgkdg>. Acesso em: 17 jun. 2016. Tradução do cartaz: "Então, obrigada pelos comentários homofóbicos!".

manas para produzir uma resposta ressignificante aos insultos que recebeu em sua conta no Twitter. A conta foi fechada e essa produção só subsiste nos vestígios nos artigos da imprensa ou nas capturas de tela guardadas no Twitter.



**Exemplo 14** Estatísticas de @Compoto\_rapportées par @Rue89, Twitter.<sup>111</sup>

Essas práticas de ressignificação, discursiva e semioticamente complexas, vão além da simples recontextualização: elas mobilizam as afordâncias da web para produzir respostas complexas e criativas aos insultos e à estigmatização.

Marie-Anne Paveau  
Paris, 2019

111 Disponível em: <https://twitter.com/Rue89/status/781037215648518144>. Acesso em: 28 set. 2016. Tradução do segmento verbal do exemplo 14: Insultes sexistes: ela transforma em estatística seus assediadores no Twitter ebx.sh/2cBFAwC. Tipologia dos alvos dos insultos recebidos (170 tuítes restam depois da supressão, 414 insultos contabilizados) pela @Compoto. Apologia ao estupro. Físico. Inteligência/Moral. Homofobia. Família e pessoas próximas. Antifeminismo/Sexismo. Minha sexualidade. Cala a boca. Eve: Pequeno gráfico das tipologias dos insultos que eu recebi. Posso explicar as categorias se você quiser.